



AVENÇA

VILA VERDE

RDENSE

QUINZENÁRIO REGIONALISTA

(Composição e Impressão: Escola Gráfica da Oficina de S. José — BRAGA — Telef. 22654)

VISADO PELA CENSURA

PROPRIEDADE :

Nossa Senhora do Alívio

DIRECTOR E EDITOR :

Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO :

Padre Severino Pereira Fernandes
Telef. 92123—Residência Paroquial de Prado—Braga

A ELECTRIFICAÇÃO RURAL

A electricidade é hoje um elemento indispensável na vida de uma nação. Além da decisiva importância que tem no progresso industrial e no funcionamento de muitas outras actividades — como seja, por exemplo, as indústrias complementares da agricultura — contribui para a comodidade e conforto de todas as classes da população. Com este conceito certamente o Governo se lançou, em 1914, nos grandes aproveitamentos hidroeléctricos, e com tamanho êxito que a produção, segundo os técnicos na matéria, já cede a a capacidade de consumo do País, mesmo que em breve aumente o número de consumidores. E também ao nível próprio para assegurar ao País uma posição invejável entre os outros países europeus, resolveu o Governo os problemas do transporte e da grande distribuição de energia eléctrica.

Simplesmente, no capítulo da electrificação rural, a máquina emperrou. Já desde 1940 o Governo concedia participações para aquele fim, mas esbarrava-se com as dificuldades que os órgãos administrativos tinham em suportar a parte que lhes correspondia nas despesas. A electrificação rural continuou, mas em ritmo enervante, justificando grandes clamores. Em consequência destes apareceu a Lei n.º 2075, de 21 de Maio de 1955, e o seu decreto regulamentar, logo no mês seguinte, ampliando consideravelmente a concessão de participações estaduais às autarquias locais que pretendessem electrificar as freguesias e povoações das suas áreas. Mas o problema da insuficiência de recursos financeiros daquelas autar-

quias manteve-se, e o Governo foi então muito mais longe, inscrevendo no II Plano de Fomento uma verba de 300.000 contos para electrificação rural, a despende em parcelas anuais de 50.000 contos. Nem assim se pôde obter o resultado que todos desejavam, pelo contrário: se considerarmos que a média anual de freguesias electrificadas é de 120, na cadência actual seriam necessários catorze anos para levar a energia eléctrica às 1730 freguesias que ainda a não têm. Juntem-se a estas freguesias aqueles muitos milhares de povoações que existem nos meios rurais também, e atingir-se-á a conclusão de que a electrificação rural, ao ritmo a que se tem processado a actividade, exigirá ainda umas boas dezenas de anos. E isto, na verdade, é de lamentar.

(Continua na 4.ª página)

Prémio Portugal em Itália

A Associação dos Jornalistas e Escritores Latinos, de Itália, instituiu o Prémio Portugal, reservado a Poetas italianos, franceses, espanhóis e belgas. Patrocinam a iniciativa, o escritor Dr. Augusto de Castro e o Dr. César Moreira Baptista, Presidente do S. N. I., organismo que oferece ao primeiro classificado uma viagem a Portugal e de regresso ao seu país.

Constituem o Juri do concurso: a poetisa Natércia Freira, o poeta francês Michel du Sart, o poeta belga Jean Honorez, a escritora espanhola Isidoro Alonso, do Ministério de Informação e Turismo, o poeta italiano Angelo Maggi e o jornalista Jorge Ramos, Secretário Geral da Associação.

Sessão ordinária da Câmara Municipal de Vila Verde do dia 15 de Março de 1962

— A Junta de Freguesia de Cabanelas pede um subsídio para o prolongamento da calçada do caminho do lugar do Espinheiro. A Câmara mandou aguardar verba orçamental.

— O senhor Arquitecto Luís Pedro de Almeida de Eça officia à Câmara a comunicar que brevemente se deslocará a esta

Obras de vulto nos Serviços Municipalizados

Electrificação do Concelho e águas de Prado

Esteve há dias em Lisboa, acompanhado do seu Secretário, o senhor Presidente da Câmara que outorgou a escritura do empréstimo de mil contos aos Serviços Municipalizados para a electrificação do Concelho.

O senhor Presidente, como se vê na sessão da Câmara, está a fazer diligências para que se estude o abastecimento de águas à Vila de Prado. Pensa mesmo em realizá-lo brevemente com recurso a um empréstimo e à participação do Estado.

Sede do Concelho, para tratar de assuntos relacionados com o contrato para elaboração do antepiano de Urbanização desta Vila.

— O presidente da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Vila Verde comunica que a Assembleia Geral exarou, por unanimidade, um voto de reconhecido louvor e agradecimento ao senhor Presidente da Câmara e Vereadores pelos valiosos auxílios prestados à sua Corporação dos Bombeiros.

— O senhor Engenheiro Director dos Serviços de Urbanização do Distrito de Braga informa que o estudo de abastecimento de água à Vila de Prado e zonas limítrofes, poderá ser feito considerando como origem o poço executado nas margens do Cávado, junto da povoação.

— Pede o mesmo senhor engenheiro a lista das fontes de mergulho que não podem ser beneficiáveis e as nascentes existentes, para se estudar um abastecimento de recurso.

— Comunicação do senhor Engenheiro Director dos Serviços de Hidrologia que encarrega os seus Serviços do Estudo hidro-

(Continua na 4.ª página)

Foguetes... aberrações da repreensão policial

Se sempre teve de existir mútua compreensão entre as autoridades públicas e as autoridades religiosas, tendo em vista o respeito das crenças e costumes tradicionais do nosso povo, que constituem a religião da nação, muito mais neste período agudo da história portuguesa, que só passaremos dentro duma coesão de ideais da nossa tradição.

Porém, temos de confessar que, afastados os períodos eleitorais, em que se apregoa mútuo respeito e protecção, daqui e dali, impunemente, até que surja nova campanha eleitoral, aparecem sintomas perturbadores, manifestados em acintes, inovações, caças à multa, procurando sujeitar as manifestações religiosas a regulamentos que nunca se lhes aplicaram.

Já se chegou ao deslante de exigir licença policial para que uma procissão católica saia à via pública, e à falta de senso de aplicar por isso a respectiva multa.

Somos um país de regulamentos desregulamentados, onde a multa espreeita por todas as portas e janelas, ao sabor dos apetites, do bom senso ou da falta de senso dos que exercem o policiamento. Daí a falta de respeito por tais leis ou regulamentos, a deseducação fatal do povo, e um mal estar que estabelece a mútua desconfiança.

Bem avisado andou um dos maiores servidores do Estado Novo, o mandante general Botelho, da G. N. R., que tanto elevou o prestígio dessa corporação, quando mandou fixar nos átrios dos Postos um quadro, em que, ao lembrar as funções dessas forças policiais, dizia que tinham mais de educadoras do povo do que repressivas pela multa. Mas não só a G. N. R. tem a seu cargo o policiamento, e é mesmo possível que nem todos tenham lido e assimilado.

Não sabemos quando nos consideram em transgressão ou em ordem. Tudo muda conforme aos critérios, às questões locais ou pessoais, ou se o período eleitoral está longe ou perto.

Relâmpago

A vida é um relâmpago, dizia na sua homilia certo sacerdote.

Como passou breve a nossa meninice! Como é curta a distância entre a vida e a morte! E nós não temos tempo duma preparação para a eternidade...

O tempo não nos chega para nada.

Não temos tempo? Porque o não sabemos aproveitar?

Diz este ilustre sacerdote: Quereis saber o que é o tempo e quanto vale? Perguntai às almas sofredoras do Purgatório e do Inferno!! Estas vos responderão.

...O' quem me dera ter de vida na terra, ao menos um minuto, como o saberia aproveitar.

Não precisamos perguntar às almas o que é o tempo. Temos todos os dias factos que nos provam a realidade do relâmpago da vida.

(Continua na 4.ª página)

Por hoje, vamos ao caso dos foguetes, culto público e festividades religiosas

Existe um regulamento policial do Distrito de Braga (aprovado no «Diário do Governo» N.º 206-II série, de 5 de Setembro de 1949), que, no seu artigo número 36.º, diz: «Para queimar foguetes e fogos de artifício é necessária licença, concedida pelo Governador Civil no concelho sede do distrito e pela respectiva autoridade policial nos restantes concelhos...»

No artigo 42.º, ao falar de bailes, arraiais, romarias, iluminações e divertimentos públicos, no seu parágrafo terceiro, diz: «O Governador Civil pode isentar da licença referida no corpo deste artigo as festas com fins de beneficência ou promovidas por autoridades oficiais.»

O Artigo 144.º do Decreto-Lei 37.925, de 1 de Agosto de 1950, portanto posterior ao citado regulamento, no seu número nove, diz que os Presidentes das Câmaras podem «conceder autorização para lançamento de fogos de artifício em festividades públicas...», portanto sem a citada licença.

Nos actos do culto público mais solenes — não falando nem em roma-

rias, nem em arraiais — é costume imemorial no Minho, mas especialmente no concelho de Vila Verde, lançar alguns foguetes nas vésperas, antes e por ocasião dos actos do culto para os anunciar.

E' assim nos tríduos do Sagrado Coração de Jesus e festas meramente religiosas, em que o recato da quantidade e qualidade do fogo demonstra a intenção de anunciar e não propriamente de abrilhantar as festas.

Este costume imemorial introduziu-se e não pode ser posto de parte em muitas freguesias, porque é o único meio de anunciar os actos do culto, dado que ou não têm sinos ou eles não se ouvem em toda ou na maior parte das suas povoações.

O regulamento do Governo Civil não podia nem quis estender o preceito da licença a estes casos, porque seria ir contra a Concordata entre a Igreja e o Estado, ao limitar os meios ordinários e tradicionais de anunciar os actos do culto, e muitas vezes os únicos, como agora acontece com a Igreja Paroquial nova de Prado, que não tem sinos, tendo necessidade de recorrer aos foguetes, embora de forma recatada. Mas já tem uma multa em cima.

O costume conhecido e tolerado e a melhor forma de interpretação da lei. Apesar do regulamento ter sido

(Continua na 4.ª página)

“Pombos de Santa Maria”

Ninguém duvida.

Mais uma vez as Pombas das terras de Santa Maria de Prado sulcarão os ares, confundindo as mentes humanas, e dando gostos infinitos, e por vezes grandes desgostos aos seus amáveis donos.

Já várias reuniões se fizeram no sentido de orientar todas as coisas para que a existência da «Sociedade Columbófila de Santa Maria», nome que escolhemos para a nossa equipa columbófila, seja uma realidade.

Escolheram-se alguns elementos, que tomaram a seu cargo os afazeres necessários para levar ao fim, o que nos propomos realizar, agora apenas aguardamos a inscrição de todos quantos o desejarem.

Para que tudo corra como deve, fidad todos convidados para uma reunião no próximo dia 3 de Abril no Salão Paroquial de Prado pelas 22 h.

Cartas ao Director

Assinada pelas autoridades locais de Arcozelo chegou à nossa Redacção uma carta com pedido de publicação.

Porém, como veio fora do prazo, só poderá ser publicada no próximo número.

Que os signatários nos desculpem.

PALESTRA

Realiza-se no próximo dia 12, às duas horas da tarde, na forma do costume.

O Arcipreste

Quem não puder ir à reunião pode procurar o Secretário da colectividade o Sr. Joaquim Peixoto da Costa-Prado-Braga que, o informará no que desejar. — Peixoto

Curso de Catequese em Revenda

1.º — Funcionou em 4 domingos seguidos, começando às duas horas da tarde e terminando às 5 horas:

2.º — Tomaram parte nela as freguesias de Dossãos, Gondiaes, Travassós, S. Pedro de Esqueiros e Novegilde com os seus respectivos párocos.

3.º — Orientaram o curso os Rev. dos Párocos de Dossãos e Novegilde.

4.º — Nos assuntos tratados seguiram mais ou menos o Curso Elementar de Catequese.

5.º — Teve bastante frequência e em todas as freguesias apareceram pelo menos 4 catequistas que se pontificaram a auxiliar na medida do possível o seu pároco no ensino da catequese.

6.º — Distribuíram-se em todos esses domingos muitos catecismos, muitos folhetos de missas dialogadas e outras pagelas de formação.

7.º — Em todos os domingos havia perguntas e respostas sobre assuntos práticos e em alguns intervalos ensinou-se o hino da catequese e ainda outros cânticos interessantes para crianças.

8.º — Pelo menos algumas foram animadas da melhor vontade em trabalharem nesta causa santa.

FESTAS DA PÁScoa
E A
Pastelaria Bar Vilaverdense

Fornece Pão de Ló, doces especiais, do melhor do seu fabrico; vinhos finos, champãnes, e mesmo copos de água completos, aos Mordomos da Páscoa, a preços sem competência.

Faça desde já assua s encomendas, para poder ser garantido o seu fornecimento

Preferir esta Pastelaria é ser bem servido

Desprendimento

*Cansado da vida, cansado do estudo,
Cansado do mundo, cansado de tudo,*

*Sem luz nos meus olhos, a luz dos amores,
Sem ver as estrelas já com resplendores,*

*'Squecido dos homens, 'squecido de Deus,
'Squecido da terra, 'squecido dos Céus,*

*Procurando a morte, fugindo da vida,
Sou rosa calcada, sou folha caída,*

*Procurando a vida, fugindo da morte,
Nem sou flor da serra nem trevo da sorte,*

*Não sou nada, nada, e só «nada» tenho,
Sou flor que vegeta, sou fétido engenho,*

*Sou luz apagada na noite de breu,
Alma atribulada sem pátria nem Céu,*

*Sou cão lazarento a quem meu irmão
Em vendo m'espera de pedra na mão!*

*H'alguns que me apontam com ar escarninho,
Com bocas horrendas cheirando a vinho,*

*Outros, me repelem, me julgam ladrão,
Me lançam a pedra escondendo a mão,*

*E outros ainda me chamam fantasma!
Miseros leprosos atacados d'asma!*

*E mais adiante há outros que troçam
Com a «tripa forra», porque bem almoçam!*

*Apenas me cercam, (bondosas esperanças!),
C'os bracitos meigos as loiras crianças.*

*E eu sigó o destino que Deus me traçou,
Fugindo da Terra, que o Céu me criou*

*P'ra vida mais alta, mais alto destino,
Chegando a ser homem, e sempre menino!*

*Cansado da vida, cansado do estudo,
Cansado do mundo, cansado de tudo,*

*Eu busco uma glória, que glória não há
Senão nas Alturas do eterno Jeová.*

*Eu busco as Alturas nos serros do além,
Nas portas eternas da Jerusalém!*

Prado, Março de 1962. **GOTA D'ORVALHO**

Casa Claro
— DE —

Paulo de Sousa Claro

Fábrica e depósito de velas de cêra e artigos de apicultura

Rua D. Diogo de Sousa, 100
TELEPHONE, 22305 BRAGA

O melhor café e o

d'A Brasileira
— DE —

Mário Joaquim de Queirós & C.ª
TELEPHONE, 22013 BRAGA

A COMERCIAL DE PRADO
— DE —

Fernando Duarte Pedroso

Agente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»
Azeites, Mercarias, Vinhos, Refrigirantes, Ferragens, adubos e Metais de Construção

Revendedor de BUTAGAZ e produtos SHEL

Vila Verde TELEPHONE, 92115 PRADO

Fábrica de Bordados Regionais
DE

Maria Helena Dantas

Varedeade de Linhos: — Toalhas de Mesa em todas as medidas.
Jogos à americana: — Tabuleiros, sacas, guardanapos, etc.

Ainda um grande sortido em puchados e em perlé, e bordados regionais

LUGAR DA PONTE — Prado Telef. 92147 BRAGA

RIO MAU
de Ida e Volta

por José Sebastião Correa de Queirós

OS ARREDORES

Temos aqui falado apenas de Rio Mau — e seria incompreensível desviarmos-nos do tema escolhido — mas hoje vamos sair um pouco do habitual e referiremos alguns dos arredores mais sugestivos da encantadora freguesia de Ribeira do Neiva.

Para começar, S Julião do Freixo. Foi um salto um pouco bruscos mas não podemos por mais tempo deixar aberta uma lacuna que se criou quando, na primeira vez que para este quinzenário escrevemos, prometemos falar aqui de S. Julião, ou melhor, da impressionante paisagem que se disfruta do alto do monte de S. Cristovão onde se ergue uma Capela erecta à Nossa Senhora da Cabeça cuja devoção é, por ali, grande.

Seria sem interesse para aqui descrever a localidade propriamente dita pois que, como as outras, é um agrupamento de casas de habitação e comercias. Para nós interessam apenas as belezas naturais. Por isso nos reportamos ao monte de S. Cristovão.

Estivemos no seu cimo numa bela manhã, há dois anos. Registamos a quantidade de eucaliptos cujo tronco tem gravadas inscrições amorosas. Lembramos com saudade um familiar nosso, há pouco falecido, que numa daquelas árvores, deixou gravada a data e o seu nome. Visitámos a Capela de Nossa Senhora da Cabeça e tivemos a sensação que estávamos mais perto do Céu. A frescura daquela manhã de outono e o suave perfume das folhas dos eucaliptos convidavam ao repouso e foi o que nós fizemos.

Depois, cerca do meio dia, um rebanho que um pequeno esfarrapado guiava, abeirou-se de nós. O pequeno aproveitou para nos pedir uma esmola que não regateamos porque nos fez pena. O pequeno guia afastou-se com as mansas ovelhas que iam pastando aquela erva viçosa e verde que atapetava o chão.

Falemos agora, para acabar, por hoje, de Vila Verde.

Que nos desculpem os senhores deste quinzenário as tão poucas palavras que dedicamos a Vila Verde, mas dá-se o caso de não nos ser possível, quando o assunto é delicado, traduzir em palavras todas as ideias que dele temos.

Vila Verde progride a olhos vistos. Não há ninguém que nela passa que não solte a exclamação que nós também já soltamos:

“Que diferente está!”

Diferente para melhor, entendase.

Mas as ambições dos vilaverdenses vão mais além e nós compreendemo-las pois vivemos numa grande cidade — o Porto —, temos muita coisa boa e, no entanto, mais desejamos para a engrandecer.

No último número vi uma referência ao jardim de Prado: em boa hora é arranjado pois tem que condizer com o surto de progresso que a vila atravessa.

Quanto ao Hospital... é uma pena os que podiam levar a obra a termo não se interessarem.

Por nós, tudo faremos para que Vila Verde seja três coisas: **Maior, Melhor e Moderna**

Vila Verde progride a olhos vistos. Não há ninguém que nela passa que não solte a exclamação que nós também já soltamos: “Que diferente está!”

Diferente para melhor, entendase.

Mas as ambições dos vilaverdenses vão mais além e nós compreendemo-las pois vivemos numa grande cidade — o Porto —, temos muita coisa boa e, no entanto, mais desejamos para a engrandecer.

No último número vi uma referência ao jardim de Prado: em boa hora é arranjado pois tem que condizer com o surto de progresso que a vila atravessa.

Quanto ao Hospital... é uma pena os que podiam levar a obra a termo não se interessarem.

Por nós, tudo faremos para que Vila Verde seja três coisas: **Maior, Melhor e Moderna**

C. J. Chambers
Torre de Penegate
S. Miguel de Carreiras

Compro selos usados em quantidade ou envelopes c/ os selos colados.

Sómente interessam selos vulgares, nacionais ultramarinos e estrangeiros. Selos caros não compro.

Sala de Chá

Todas as qualidades de doce

Esmerado serviço de casamento e Festas de todas as espécies

DOÇARIA
LUSITANA

Rua Francisco Sanches, 119-127 Tel. 23300

e Jardim de S.ta Bárbara

BRAGA

Cartas de Angola

Ex.^{mo} Snr. Director do Jornal «O Vilaverdense» Ex.^{mo} Senhor Director:

Venho por este meio solucitar-vos a publicação no nosso querido jornal «O Vilaverdense», como mensagem que envio da Província de Angola aos rapazes desse Concelho de Vila Verde.

A Pátria chamou por mim; eu parti em hora dura a prestar-lhe os meus serviços: Rapazes, eu deixei os meus pais, a minha querida terra... Partii, mas ficou o meu coração. E' verdade que a minha despedida custou-me a vida, mas muito mais me custou, ao ver o Norte de Angola todo modificado; já quase nem podia-mos chamar-lhe nossas estas povoações onde estamos a defender, mas temos confiança em Deus que nunca recuzou o auxilio a quem a humildade implora, e aguardamos uma esperança o dia do meu regresso...

Hoje sou soldado e estou disposto a honrar o nome bem Português que herdamos dos nossos antepassados e sinto orgulho ao dizer sou Português... sempre ando vigilante com a arma aperrada pronto a dar fogo, mas tenho a certeza que a nossa bandeira ha-de flutuar em todo o Norte; a vós rapazes de Vila Verde é dirigido todo o meu apelo e dos meus camaradas da Companhia de Caçadores Especiais n.º 271. Todos nós agradecemos que não vos esqueçais nas vossas orações de pedir a Deus que nos ajude a vencer. Creio que o bravo povo português se tem sacrificado pela Pátria. Se vos chamarem nunca vos deis por vencidos, não desprezeis a nossa mãe Pátria, o nosso território... Amai a bandeira como amais a vossa família! Pedi a Deus que reine a paz em todo o mundo; e nós os soldados vamos lutar com toda a alma e gritaremos todos: Viva Portugal.

Rapazes despeço-me de todos vós; só vos peço que façam chegar estas palavras a todos os recantos do Concelho. Envio-vos a todos um abraço e muitas saudades para os meus queridos pais e irmãos. Este vosso amigo.

Belmiro C. Nogueira

Vila de Prado

Há quem se queixe de falta de notícias desta terra. E que notícias há para transmitir a público? ... Isso é que eu gostava de saber!

Bem, mas hoje há bastantes.

— Em primeiro lugar, que foi solenemente inaugurada a cripta da nova Igreja. Porém, por motivos imperiosos, só no próximo jornal daremos um relato minucioso desse acontecimento.

— Hoje começam na capela do Bom Sucesso pregação só para homens, por Rev.^{do} Dr. Molho de Faria e espera-se que não haja faltosos. Começam às 21,30 desta tarde.

— Agora a Missa da Catequese é a das 11 h. na cripta em ambiente moderno e selecto.

— A conferência Vicentina de Prado, levou a cabo, em colaboração com a de Palmeira, uma tarde recreativa enchendo-se literalmente o Salão Paroquial, em «Opereta Maria».

— Realizou-se no dia 19 a festa de S. José. Houve Missa cantada às 11 horas e sermão pelo Rev.^{do} P.^e Joaquim da Silva Lopes.

— Hoje não damos notícias desportivas porque o Desportivo de Prado perdeu.

— Atenção José Machado... Atenção Brasil! Tem-se pescado valentes trutas no Cávado.

— Notícia sensacional: uma porca pertencente ao Snr. José Alves Balugães teve 16 bacorinhos que estão a ser alimentados a biberão, a nestlé e a café cimbalino. Não é só no entroncamento!

“O Vilaverdense”
Preço anual de Assinatura

Continente. 30\$00
Ultramar e Brasil (via marítima) 60\$00
“ (via aérea) . . . 145\$00
Outras nações (via marítima) . . 70\$00
“ (via aérea) . . . 165\$00

S U R D O S

Apresiasi a mais completa Gama de aparelhagem auditiva que vos apresenta a
CASA SONOTONE para adaptação a cada caso individual

Óculos para condução óssea e aérea, modelos usados atrás da orelha,
de bolso, mesmo para casos muito graves e ainda a

Sensacional Pérola Auditiva

o mais pequeno e leve aparelho do Mundo. Pese só 7 gramas, sem fios e
sem tubos e é todo usado dentro do ouvido.

TROCAS—FACILIDADES DE PAGAMENTO E PERFEITA ASSISTÊNCIA TÉCNICA,
tudo encontrareis na

CASA SONOTONE

Que há mais de 25 anos trabalha para vos dar mais e melhor audição.

PORTO: PRAÇA DA BATALHA 92-1.º — Tel. 35602



S. R.

Secretaria Notarial de Vila Verde

Manuel da Assunção Pereira da
Cunha, ajudante da Secretaria Notarial
de Vila Verde:

CERTIFICO narrativamente para efeito
de publicação, que de folhas quarenta
e sete, verso, a cinquenta, do livro de
notas numero trezentos e dezasseis, do
notário do Primeiro Cartório — licen-
ciado Mário José Lopes de Carvalho,
foi, na data de vinte e um do corrente,
lavrada uma escritura de Justificação
Notarial, na qual figuram como outor-
gantes: Primeira — Ana da Conceição
Araújo dos Santos, viúva. Segundos —
António Fernandes do Lago Faria e
mulher Maria Clotilde Soares de Faria
e Terceiros — António Fernandes, —
João Alves dos Santos e Gaspar Augu-
sto Machado, todos desta freguesia e
sede do concelho de Vila Verde. — Que
a primeira e segundos autorgantes, nos
termos e para os efeitos do artigo vinte
e dois do Decreto-Lei número quarenta
mil seiscientos e três, de dezoito de
Maio de mil novecentos e cinquenta e
seis, e demais disposições legais aplica-
veis declararam e afirmaram nessa
mesma escritura que são eles actual-
mente, com exclusão de outrém, os
únicos donos e legítimos possuidores,
a primeira autorgante dos seguintes
prédios:

Número um — Leira de Trás da
Casa, também conhecida por Leira de
Cima da Eira e Leira do Eido Novo,
desmembrado do prédio descrito na
Conservatória com o número trinta e
três mil novecentos e oito, a folhas
cento e vinte e seis, verso, do livro B.
oitenta e seis, e inscrito na matriz sob
o artigo mil quinhentos e sessenta,
com o valor matricial corrigido de dois
mil oitocentos cinquenta e seis escu-
dos. Número dois — Uma eira de
pedra e varandão junto, descrito na
Conservatória sob o número quarenta
e três mil novecentos e trinta e sete,
a folhas cento setenta e nove, do livro B.
cento e onze, inscrito na matriz urbana
sob o artigo trezentos com o valor
matricial corrigido de dois mil e oitenta
e oito escudos. Número três —
Bouça Grande de Felgueira, descrito na
Conservatória sob o número quarenta
e três mil quatrocentos noventa e três,
a folhas cento e cinquenta e cinco,
verso, do livro B. cento e dez, e ins-
crito na matriz sob o artigo mil quin-
hentos cinquenta e nove, com o valor
matricial corrigido de cinco mil sete-
centos e sessenta escudos. Número
quatro. — Uma morada de casas torres
e suas pertenças, descrito na Conser-
vatória com o número quarenta e três
mil quatrocentos noventa e quatro, a
folhas cento e cinquenta e seis, do
livro B. cento e dez, e inscrito na ma-
triz sob o artigo urbano cento oitenta
e cinco, com o valor matricial corrigido
de cinco mil cento oitenta e quatro
escudos. E, os segundos autorgantes,
dos prédios: Número cinco — Campo
da Reboreira, também conhecido por
Campo chamado da Lagoeira de Cima
e Lagoeira de Baixo, descrito no Con-
servatória sob o número trinta e três
mil setecentos trinta e oito, a folhas
quarenta e uma, verso, do livro B.
oitenta e seis, e inscrito na matriz sob
o artigo mil quinhentos cinquenta e
quatro, com o valor matricial corrigido
de quarenta e cinco mil quatrocentos
trinta e dois escudos. Número seis —
Casa terrea que serviu de lagar de
azeite e moinho, descrito na Conserva-
tória sob o número trinta e quatro mil
quatrocentos e onze, a folhas cento
oitenta e três, do livro B. oitenta e
sete, inscrito na matriz sob o artigo urbano
duzentos noventa e nove, com o valor
matricial corrigido de mil duzentos
noventa e seis escudos, e todos situados
no lugar de Felgueiras, freguesia de
Barbudo, deste concelho. Que todos
estes prédios lhes foram vendidos por
Adolfo Maria dos Santos e esposa Adé-
lia Ribeiro dos Santos, ele comerciante
e ela doméstica, residentes na cidade
do Rio de Janeiro, por escritura de
vinte e seis de Abril de mil novecentos
e sessenta e um, por mim notário lavra-
da no respectivo livro de notas número
trezentos e oito a folhas dezasseis, ver-
so. Que, o prédio aqui descrito sob o
número um — Leira de Trás da Casa,
foi vendido por António Maria Rodri-
gues Marques, viúvo daquela freguesia
de Barbudo, a seu filho Manuel
dos Santos Marques e Mulher Deolinda
da Natividade Gomes, da freguesia de
Turiz, por escritura da qual se desco-
nhece a data e o respectivo notário que

a lavrou. Seguidamente, o mesmo An-
tónio Maria Rodrigues Marques, por
escritura de catorze de Julho de mil
novecentos vinte e dois, lavrada pelo
notário que foi desta comarca, Gaspar
Emílio Lopes Guimarães, no seu livro
de notas número cento trinta e seis, a
folhas quarenta nove, doou todos os
restantes prédios aqui descritos sob os
números dois a seis, a seu filho Joa-
quim dos Santos Marques, solteiro,
maior, da mesma freguesia de Barbudo,
o qual, por sua vez os vendeu aquele
já referido seu irmão Manuel dos San-
tos Marques, desconhecendo se, tam-
bém a data e o respectivo notário que
lavrou esta escritura. Que, de conformi-
dade com todo o exposto, são eles,
primeira e segundos autorgantes, os
actuais donos e legítimos possuidores,
com exclusão de outrém, de todos os
prédios nesta escritura identificados.
— Certifico finalmente que pelos ter-
ceiros autorgantes foi dito: Que, por
serem inteiramente verdadeiras as de-
clarações que foram feitas pela pri-
meira e segundos autorgantes, confir-
mam para todos os efeitos legais, tudo
o que acima se faz referenciar.

Na parte omitida do original nada
há que amplie, restrinja, modifique ou
caudicione o que foi transcrito. — Secre-
taria Notarial de Vila Verde vinte e
seis de Março de mil novecentos ses-
senta e dois.

O Ajudante da Secretaria Notarial,

Manuel da Assunção Pereira da Cunha

Soutelo

S. José e os Josés — Por ter
tomado novo estado e mudado
de residência, um membro da co-
missão dos Josés, os actos reli-
giosos em honra de S. José, não
poderam ter o costumado brilho.

As solenidades religiosas limi-
taram-se a duas missas manda-
das rezar por devotas, uma no
Santuário de Nossa Senhora do
Alívio e outra na Igreja Para-
quial: nesta, foi celebrante o
pároco, Sr. P.º Luiz Soares Ri-
beiro, o qual na altura propícia
fez uma brilhante homilia sobre
a vida de S. José, inaltecendo a
sua nobre missão na terra e o
seu grande poder no céu, junto
de Deus.

Foi visitado um José pobre a
quem se distribuiu um donativo.

Estatística — Lembramos aos
Srs. cultivadores de terra que
até 31 do corrente devem entreg-
ar aos seus regedores o mani-
festo das sementeiras feitas desde
1 de Outubro do ano findo.

Mudança da hora — Lembra-
mos a todos os que tem de assinar
o ponto, chegar à missa, ou
tomar o comboio, quem tem de
adiantar os seus relógios ses-
senta minutos na noite de 1 para
2 de Abril, próximo. — C.

Sabariz

Continua com grande interesse
as grandes obras da igreja paro-
quial, embora lutando com falta
de dinheiro.

Deus queira que todos os bons
sabarizenses que longe de nós se
encontram queiram seguir o
exemplo do nosso querido e bom
sabarizense o Senhor: Luís da
Silva Peixoto ausente no Brasil
que além de ter oferecido um
painel para o Santíssimo quiz
mostrar a sua presença enviando-
nos a linda quantia de 300\$00
para a campanha do azelejo.

Bem haja Senhor Peixoto, que
Deus lhe pague. — C.

Loureira

— Mais um melhoramento que
muito veio a embelezar esta freguesia.

Foi a construção do muro do
passal que vai da residência pa-
roquial à Igreja.

Pagou todas as despesas desta
obra o Ex.º Sr. Severino Joa-
quim Rodrigues Loureiro, resi-
dente no Brasil.

Bem agradecidos ficamos e
Deus lhe pague.

Ele, assim como seu irmão e
cunhada, Ex.ºs Senhores An-
tónio Joaquim Rodrigues Lourei-
ro e D. Amélia Chevalier Lou-
reiro, e suas irmãs, Ex.ºs Sen-
horas da Aldeia, muito contri-
buído para o engrandecimento
desta freguesia, que lhes está muito
grata e ora ao Senhor por eles.

Fez se mais um pedidório na
freguesia para novas obras no
passal como fosse concluir o po-
ço, fazer um tanque etc.

Todos acolheram bem a Co-
missão, chefeada pelo pároco.

Gostaram tanto das obras, em
curso, que alguns ofereceram o
dobro daquilo que pensavam dar
e estavam sempre prontos para
quaisquer trabalhos que lhes pe-
dissem e no fim diriam sempre
que esperavam ordens.

Deus recompense a todos.

Agora só falta um motor para
conduzir água para a residência
parroquial. Mas já se fizeram
tantos pedidórios!

Já todos estão cançados!

Peçamos a Deus que mande
dinheiro do Céu e as boas von-
tades continuarem.

Confiamos.

— No dia 19 do corrente mês
de Março, em que se faz o mês
de S. José também nesta freguesia,
houve uma festa com missa
cantada de manhã e sermão à
tarde em honra de S. José e da
Sagrada Família.

Sobre os altares da Igreja es-
tavam as Ssgradas famílias da
verita domiciliária, em número
de 4.

Esta festa foi muito concorri-
da.

A Igreja briosamente ornamen-
tada pelas encarregadas dos al-
tares.

As cantoras desempenharam
bem o seu papel.

Novogilde

Decorreu bastante bem a dou-
trina dos grandes nesta paróquia.
Todos se apresentaram ao rol de
muito boa vontade. Todos de-
ram o seu recado bastante bem,
dum modo especial as filhas de
família, que, a não ser uma re-
duzida minoria, se houveram
admiravelmente.

Que elas sirvam de estímulo
às atrasadas e da última hora que
só vão por obriga e muitas vezes
enfadadas...

Que todos o façam por con-
vicção e cumpram o seu dever
com os olhos em Deus.

Há obrigação de estudar na
doutrina e compreendê-la para
desaparecerem esses exemplares
indesejáveis sem formação reli-
giosa. Que aquelas que a sabem,
ensinem as ignorantes, praticando
assim uma das benditas obras de
misericórdia — C.

A' Margem do Homem

S. Mguel de Oriz

Em 25 de Março, com o nome
de José, foi baptisada uma criança,
filha de António de Almeida
Costa e Maria Celeste Meireles
da Costa. Foram padrinhos os
tios paternos, José da Silva Cer-
queira e Celeste de Jesus da
Costa,

— Tem grassado com bastante
intensidade nesta freguesia a
gripe, que por vezes tem obriga-
do a recolher à cama famílias
inteiras. Felizmente não tem to-
mado aspectos de gravidade.
Especialmente o nosso assinante
Sr. Eduardo Pereira, do lugar
de Portela, tem inspirado mais
cuidados, mas parece já livre de
perigo.

Folgamos com isso e a todos
desejamos rápido restabeleci-
mento.

Pico de Regalados

Sande

Na companhia de sua esposa, De-
olinda da Silva Ferraz e duma peque-
nina filha, embarcou para o Rio de
Janeiro o nosso conterrâneo José
Rodrigues da Mota. Desejamos a toda
a família uma boa viagem e as maiores
felicidades em terras do Brazil.

— Também embarcou para a mes-
cidade e para junto de seus tios,
António Martins de Oliveira, filho de
Manuel Rodrigues de Oliveira e Maria
de Melo Martins.

— Embarca para a mesma cidade
João Abreu Lomba, filho de Manuel
da Silva Lomba e Angelina de Abreu,
que vai juntar-se aos seus dois irmãos
Marcelino e António, que se emcon-
tram na mesma terra há alguns anos.

Boa viagem para todos e fazemos
votos para que não se esqueçam do
cumprimento dos seus deveres reli-
giosos, pois a nossa felicidade não
consiste em adquirir alguns escudos,
mas sim em viver na graça de Deus,
para morrer nesse feliz estado e obter
assim o prémio eterno que o Senhor
tem reservado para todos.

— Embarca, no dia 8 de Abril, no
Rio de Janeiro, com destino à sua
freguesia de Sande, o nosso conterrâneo
Manuel de Oliveira, que há perto
de 30 anos se encontra no Brasil.
Vem assistir ao casamento de sua filha
Rosa Abreu Oliveira com Manuel Go-
mes Veloso.

Seja benvindo o Senhor Oliveira,
que vem definitivamente viver com
sua estimada esposa, Angelina de Abreu.
— Foi baptizado, no dia vinte e
cinco de Março, mais um filho do
nosso conterrâneo, José Maria Ferraz,
brioso comerciante local, que actual-
mente tem nove na sua companhia e
três no céu.

A criança recebeu o nome de Ma-
nuel e teve como padrinho seu irmão,
Avelino Oliveira Ferraz, inteligente
aluno da Escola Comercial e Industrial
de Braga e como madrinha sua irmã
Maria de Fátima Oliveira Ferraz.

— Já há muito que tínhamos pro-
metido publicar os nomes dos filhos
de Sande que mandaram a sua gene-
rosa esmola para o tríduo e para o
Sagrado Lausperene, mas ainda não
foi possível.

Vamos cumprir essa promessa e
vão agora os nomes com as respectivas
importâncias: — António Araújo Rodri-
gues, 100\$00; João Fernandes do
Rego, 70\$00; Secundino Barbosa de
Brito, 30\$00; João de Araújo, 500\$00;
Manuel da Silva Araújo e irmão An-
tónio 50\$00; Manuel de Jesus Martins
de Oliveira, 50\$00; os Senhores Lino,
João, Manuel, Armindo, Fernando e
Geremias, filhos do Sr. António de
Araújo, 300\$00; Manuel Araújo Rodri-
gues, 100\$00; Daniel Pimentel Pires
e seu irmão João, 60\$00.

A todos estes amigos que se en-
contram no Rio de Janeiro o nosso
muito obrigado.

Também recebemos do nosso esti-
mado assinante, Manuel Vivas Gomes,
que se encontra em Lisboa, a quantia
de 50\$00 e de Eduardo da Silva Ro-
cha, que se encontra no Porto rece-
bemos 20\$00.

Gratos pela atenção e pela valiosa
ajuda para o tríduo do Sagrado Cora-
ção de Jesus e Sagrado Lausperene que
é a festa principal da nossa terra

— Pagou a sua assinatura o nosso
bom amigo, António Abel da Silva
Freitas, da conhecida casa de Cabo de
Vila e o maior proprietário da freguesia
— C.

— Com 76 anos de idade, deu
a alma a Deus, em 21 de Mar-
ço p. p., a sr.ª Rosa Maria de
Amorim Machado, viúva, pro-
prietária, do lugar do Boi-morto.
O seu funeral efectuou-se no
dia 23 com a assistência de 7
eclesiásticos e muita concorrên-
cia de pessoas amigas da família.
A toda ela, especialmente aos
seus desolados filhos, as nossas
condolências. — C.

Santa Marnha de Oriz

Retirou há dias para França,
onde ocupa a sua actividade, o
Sr. António Maria de Freitas,
recem casado e morador no lugar
do Barreiro. — C.

S. Pedro de Valbom

Em 18 de Março, com o nome
de Maria Arlete, foi baptizada
mais uma filhinha de Artur de
Azevedo Nicolau e de Maria
Alice Campos da Costa, do lugar
de Pinheiro.

— Em 21 de Março, faleceu a
sexagenária sr.ª Palmira Teixeira
de Campos, viúva, do lugar de
Pinheiro. O seu funeral reali-
zou-se a 22, com a assistência de
vários eclesiásticos. Paz à sua
alma e pêsames à família. — C.

Paço

Em 18 de Março p. p., com o
nome de Maria de Fátima, foi
baptisada uma menina, filha de
Armando de Araújo Pereira e
Ortelinda da Glória da Costa
Dias, do lugar da Pala. Foram
padrinhos o avô materno Ave-
lino José Dias e a avó paterna
Rosa Araújo.

— Em 21 de Março foi o bap-
tismo de um menino que recebeu
o nome de Sebastião, filho de
Secundino Martins e de Aurora,
da Conceição Martins Gomes,
do lugar Novo. Foram padrinhos
o tio e a avó maternos, Sebastião
José Gomes Martins e Maria
Angelina Martins.

— Em goso de merecido des-
canso, chegou há dias da nossa
provincia de Angola o Sr. Joa-
quim António Marques, do lugar
das Eiras.

— Tem passado bastante mal
de saúde o Sr. Sebastião Gomes,
do lugar de Perdelo. Deseja-
mos-lhe melhoras.

— Seguiu para Angola o nosso
conterrâneo Bernardo Braz, do
lugar da Cerca, que naquela pro-
vincia vai ocupar a sua activi-
dade. — C.

Parada de Gatim

— De 4 a 1 de Março, reali-
za-se nesta freguesia as "Quar-
enta Horas", precedidas de Trí-
duo em honra do S. C. de Jesus,
sendo orador o Rev.º P.º Amé-
rico de Sousa Afonso, dig.º pá-
roco de Penascais, Vila Verde.

— Para cumprir o serviço mi-
litar partiram deste freguesia os
nossos amigos Aurélio Lima da
Costa, Anibal da Silva Fernan-
des, Belarmino Gomes da Mota,
para Chaves e Manuel Morais da
da Costa para Tavira.

Muitas felicidades.

— Realizaram o seu casamento
na Igreja paroquial desta freguesia,
Américo P. Fernandes de
Faria, de Santa Marinha de Olei-
ros, com a menina Deolinda da
Silva Fernandes, desta freguesia
e Luisz da Silva Machado, tam-
bém de Oleiros, com a menina
Rosa da Silva Correia.

Aos novos lares as nossas fe-
licitações.

— Para as terras de Santa Cruz,
embarca no dia no dia 7 de Abril
o jóvem Belarmino de Sousa
Barros e no dia 18 do mesmo
mês, Joao da Silva Correia.

Desejamos-lhe uma boa via-
gem e muitas prosperidades.

— Realizou-se o confesso de
desobriga, nesta freguesia, ao que
parece não faltou ninguém.

— Encontra-se há já bastante
tempo nesta freguesia a sr.ª D.
Beatriz de Barros Pereira, que-
rida esposa do nosso assinante
de Silva Porto — Angola, sr. Má-
rio Evangelista Pereira, que veio
gostar uns mese de férias junto de
sua querida mãe.

— Para Angola embarcou a
sr.ª Beatriz de Sousa Ribeiro e
Aurora de Sousa Ribeiro.

As nossas maiores saudações
e felicidades em terras de Africa,

A Electrificação Rural

(Continuação da 1.ª página)

Atrás se viu o empenho com que o Governo, através de participações cada vez maiores, procura incentivar a electrificação rural; e também se viu — e toda a gente sabe, aliás — que as autarquias não podem satisfazer o encargo da despesa que lhes é imposta. E então, pergunta-se porque não entram em acção as entidades concessionárias da distribuição? Se elas já o fizeram, relativamente à grande distribuição e com um êxito que os relatórios das gerências anuais bem revelam porque não promovem a expansão da pequena distribuição de energia?

E' grande a despesa? Não tem compensação imediata, pela garantia de um volume de consumo suficiente, como aconteceu com a grande distribuição? Mas um serviço público como o da electricidade, não tem apenas uma função social, e muito importante. Se houver energia, haverá consumo, embora a prazo mais curto ou mais longo — em qualquer caso sempre com segura perspectiva de recuperação do investimento. Nem só os habitantes das grandes cidades ou vilas têm direito ao benefício da energia eléctrica; os dos meios rurais são também portugueses. Disse-se no Parlamento, há poucos dias, que algumas empresas hidroeléctricas se dispõem a fazer, gratuitamente, a construção de linhas de alta tensão em todas as sedes de freguesias.

Porque não o fizeram já? No mesmo lugar se deu a resposta: essas empresas querem, umas, isenção de contribuição industrial, e, outras, o exclusivo de um aproveitamento. Disto se conclui que estas e as outras empresas, não construindo as linhas de alta tensão nas freguesias, são dominadas pelo conceito de que o consumo de energia, baixo, só lhes

Sessão ordinária da Câmara Municipal de Vila Verde

(Continuação da 1.ª página)

geológico de abastecimento de águas a Vilarinho.

— Foram concedidas licenças para obras: a Maria Cerqueira, de Gardinhaços, para reconstruir uma ramada; a José Joaquim Cerqueira Dias, de Atães, para reconstruir uma casa; a Maria de Sousa Pereira, de Atães, para reconstruir uma casa; a Francisco da Costa Pessoa de Sousa, para colocar 4 esteios; a António Joaquim Gonçalves Estrada, de S. Martinho (Escariz), para construir um muro de suporte junto de caminho publico, deforado nas condições requeridas; a João de Sousa Gouveia e Bento da Silva Gouveia, de Santa Maria de Prado, para reconstruir um forno e um barracão; a António Marques, da Portela, para reconstruir uma casa; a José Daniel de Amorim Araújo, de Atães, para construir uma ramada; a José Alves, de Pedregais, para caiação e pintura de um prédio.

Deliberações

— Continuar a estrada de Gomide até ao lugar de Estrumil, mandando elaborar o devido projecto;

— Por proposta do vereador sr. Mário Bacelar Alves, foi deliberado officiar ao senhor Delegado de Saúde que se roge informar da causa da rede de esgotos que se verificam no início da estrada de Vila Verde às Neves; que se mandem pintar os bancos de Vila Verde.

— Mais informou que os jardins de Prado foram reparados como se deliberou sendo conveniente adquirir um motor eléctrico para a rega no verão, devendo fazer-se um resguardo de cimento. A Câmara aprovou, desde que o pagamento seja feito no devido tempo em que haja verba orçamental.

— Foi deliberado pedir à Ex.ª Direcção Geral dos Transportes Terrestres a criação de uma unidade de aluguer de automóveis no lugar do Monte de Barbudo, para serviço do público.

poderá dar prejuizos. Queriam jogar pela certa, ali, como no sector da grande distribuição.

Para se avaliar se as populações rurais consomem muita ou pouca electricidade, a primeira coisa a fazer é levar até elas a energia. Depois, será necessário encarar o gravissimo problema dos preços. Um operário que auferir 40\$00 ou 50\$00 por dia, ou um trabalhador rural cuja jorna é de 20 a 30\$00, não podem pagar a electricidade a 2\$50 o quilovatio.

O homem comum não compreende o motivo por que, entre o produtor e o consumidor, a energia eléctrica sofre um aumento de 130 por cento. Sai das centrais a menos de \$20 o quilovatio e chega ao consumidor, em bastantes casos, a 3\$00, e na média geral aproximada de todo o País a 2\$50 no 1.º escalão.

O que acontece? Nas freguesias já electrificadas os operários e trabalhadores resignam-se ao consumo mínimo e consentido; e há muitos casos, mesmo, em que os consumidores daquelas classes voltaram ao uso dos candeieiros de petróleo e de gás, porque a despesa com a electricidade não cabe nos seus magros rendimentos. (E, nem sequer consideramos aqui, por ser desnecessário, os reparos que tem causado o facto de não ser igual o preço da energia em todo o País).

Nós não temos no caso outra posição que não seja a de insistir pela completa electrificação rural do País, porque assim servimos uma das maiores e mais legítimas aspirações dos povos. Entendemos que, havendo energia em abundância (e para a obter em grandes aproveitamentos hidroeléctricos e termoeléctricos a Nação dispendeu voltosas somas, deu garantias aos investimentos particulares e concedeu exclusivos e facilidades), é preciso distribuí-la, não só pelas zonas e sectores que podem imediatamente dar lucro, mas por todos os aglomerados populacionais, por mais pequenos que sejam. Há países, como a Inglaterra, em que a electricidade já chegou às isoladas casas agrícolas!

Para que as famílias dos meios rurais possam consumir energia eléctrica, há que fornecer-lhe e, principalmente, que regular o seu preço pelo nível dos ordenados e salários do respectivo meio. Quanto mais baixo for o preço da energia, maior consumo haverá. A electrificação rural é um problema com características especiais. Não tolera a preocupação da compensação rápida e do lucro acima de tudo. As populações rurais tem tanto direito, como as outras, ao acesso à comodidade e ao conforto. A electricidade tem uma função social.

Supomos que a resolução do problema não estará em conseguir que as autarquias, pelo aumento ainda maior das participações do Estado, sejam dispensadas de qualquer encargos com as linhas de alta tensão até as suas freguesias. Já se viu que elas não podem, financeiramente, corresponder. Também não deve ser só o Estado a suportar o encargo. As empresas concessionárias, na prática racional do comércio, como têm energia para vender, é que devem levá-la aos centros consumidores. Se a energia é fornecida pelo produtor a menos de \$20 o quilovatio e chega ao consumidor a 3\$00 ou 2\$50, talvez haja nessa larga margem de lucro possibilidade de custear e instalação das linhas de alta tensão nos meios rurais.

As populações rurais querem electricidade; e querem-na barata, em relação com os ordenados e salários. Não pedem muito; podem o que merecem e é justo — o que se torna necessário para a elevação do seu nível de vida.

De «O Século» 19-3-1962
Com a devida vénia

«O Vilaverdense»

Encontra-se à venda:

- Em Prado: Na residência paroquial, onde se tratam todos os assuntos referentes à sua Administração e Redacção.
- Em Vila Verde: Na Livraria Rainha.
- Em Braga: Na Tabacaria do Café Sporting.

RELÂMPAGO

(Continuação a 1.ª página)

O que foi a catástrofe de Agadir? O que foi no Brasil — Niterói — a derrocada do grande circo?

O que foi no Perú, aquela avalanche de neve?

O que foi o caso da nossa sempre querida e mártir Goa?

O que são os desastres Aéreos, marítimos e terrestres? Tudo é um relâmpago.

A vida passa veloz, e o homem sempre cego, hipócrita e traidor não quer ver a luz da verdade, para continuar a sua rotina libertina.

Disse que o homem é hipócrita e traidor! Sim, infelizmente o mundo caminha na rebelião contra Deus.

E porque o homem assim caminha, consente Deus que as guerras sejam o castigo, a Sua Justiça.

Senhor, Senhor, eu creio em Vós! Responde o evangelho: — nem só quem diz Senhor, Senhor, é meu amigo.

Não precisamos de longa deslocação para desvendar a hipocrisia. A' roda temos esses homens bons, que batendo no peito dizem: — Senhor, Senhor, — são Farizeus.

Acautelai-vos destes falsos profetas — diz o evangelho — são traidores — Infelizmente t'nh o sentido amargamente a traição e hipocrisia dos falsos cordeiros.

Quem me arrebatou o meu lar injustamente? — Um falso profeta, um senhorio muito teimoso ao Senhor, mas farizeu! — Dois profetas, dois amigos, vieram a mim com vestes de cordeiros, aconselhando-me, auiliando-me na anulação da causa, e afinal eram traidores! Eram, e foram estes mesmos, os que me roubaram o ninho! O evangelho não erra: Livrai-vos dos falsos amigos, são lobos devoradores.

Quem era o Pandita Nehru? O anjo da paz.

O homem que sempre pregou a concórdia e a fraternidade entre os povos. O homem justo e bom, que sentia revolver-lhe a alma, sempre que ouvia falar em guerra, em suma, um homem que dizia: — Senhor, Senhor!

Afinal quem é? — Um judeu Escariotes, um traidor, e bandido, um lobo devorador que o evangelho nos ausava. Quantos Panditas não temos no nosso meio?

Quantos não têm tempo para nada, só o têm para ódios e vinganças? Para quê injustiças e dsmandas judiciárias por causa dum carreiro d'água ou dum póço comum? Para quê litígios sobre heranças? Para quê tanto fingimento cristão?

De S. Miguel de Oriz

Esta freguesia da margem do homem, é um belo rincão deste Minho florido. Mas se algumas vezes uma freguesia se torna cativante pela sua situação, pelos adornos dados pelo Autor da natureza, bem como pelo progresso da mesma levada a cabo por entidades competentes, esta freguesia de Oriz pelo pouco conhecimento que tenho, sobressai pela hospitalidade, simplicidade e franqueza do seu povo.

Esta afirmação está bem patente do que a minha pessoa foi alvo na casa do sr. José da Silva e sua esposa Madrinha Maria Alves da Mota e afilhada Maria Alice.

Já lá vão alguns meses, que pela imposição do dever tive de bater à porta do lar supra mencionado e aqui quero manifestar publicamente o meu agradecimento pelo acolhimento concedido, bem como pelos incómodos causados.

Ultimamente tive oportunidade de lhes fazer uma visita, venho mais uma vez agradecer tudo o que mais uma vez por mim fizeram.

Aqui deixo ao terminar, estas descontroladas palavras que são a expressão fiel do agradecimento mais sincero. — M. C.

Foguetes... aberrações da repreensão policial

(Continuação da primeira página)

publicado há mais de doze anos, sempre junto às igrejas paroquiais se continuou a anunciar os actos do culto com foguetes, bem como as festividades simplesmente religiosas, sem tirar a licença, nem haver autuação, a não ser num caso ou outro esporádico e de manifesta contradição.

O douto juiz desembargador, senhor Dr. Francisco Carcavelos, quando juiz na comarca de Vila Verde, julgou um caso destes em que o então reverendo pároco de Covas, Terras de Bouro, foi levado ao Tribunal por ter mandado anunciar os actos do culto do tríduo do Sagrado Coração de Jesus com foguetes sem licença, e por se recusar a pagar a multa. Também é preciso notar que a autuação foi feita insólita, por espirito manifesto de inovação.

Ao absolver o réu, consignou expressamente a doutrina que o regulamento do Governo Civil não dizia respeito à proibição destes foguetes, que «anunciavam actos do culto» e não são propriamente para «abrilhantar festividades».

O facto de o senhor Governador Civil ou o legislador nunca ter vindo a público, em qualquer circular, condenar o costume tradicional dos foguetes nestas festas religiosas, sem licença, para anunciar os actos do culto, é a confirmação de que nunca houve intenção de o perturbar.

Há ainda em toda a legislação a intenção de expressamente distinguir as festividades «promovidas por entidades oficiais», isentando-as de licença para a sua realização, onde há foguetes, recorrendo ao Governo Civil ou ao Presidente da Câmara.

Nas festividades promovidas pelas autoridades religiosas — que também são entidades oficiais — existe o tácito consentimento, porque nunca houve intenção de as onerar com a licença, como o costume o justifica.

Nas festas do Natal e da Páscoa, os foguetes são de forma extraordinária.

ria; apesar disso sempre as autoridades públicas, especialmente o senhor Governador Civil, consentiu tácitamente no seu lançamento nas freguesias, sem qualquer licença ou pedido de autorização. As autoridades policiais também não julgaram haver motivo para autuamento.

Aparece às vezes, aqui ou ali, um funcionário policial a querer inovar, exigindo a licença ou autuando. E' pena que uma cabeça isolada se atreva a desfazer costumes generalizados, consentidos pelas Autoridades Superiores. São os fomentadores do descontentamento popular, podíamos quase imputar-lhes excesso de zelo policial na caça à multa.

Não andemos a brincar com o povo, com os seus costumes justos e tradicionais, e sobretudo religiosos. Pode surgir uma fogueira difícil de apagar.

Nas festividades estritamente religiosas, quando o anúncio dos actos do culto seja por foguetes, como é tradição fazer sem qualquer licença, haja respeito e não se provoquem lutas de campanário, porque pode vir a crise do badalo. Ou então, se querem privar o povo dos seus costumes estritamente religioso-tradicionais, se querem onerar a Igreja Católica, privá-la dos seus direitos, como já tanto se tem feito, as Autoridades Superiores façam-no abertamente, e não andemos às cabra-cegas, ora permitindo, ora multando, ao sabor de qualquer policial. (1)

Vila Verde, 26 de Março de 1962

Padre Manuel Gonçalves Diogo

(1) Consta-nos que os Governadores Cívicos de Braga, depois do citado regulamento, confidenciaram às Autoridades policiais que não era aplicado aos casos religiosos.

Imposto sobre consumos supérfluos ou de luxo

Obrigações a cumprir pelos comerciantes que vendem ao público

1.º — Os estabelecimentos ou empresas que, habitual ou acidentalmente, vendam ao público qualquer dos produtos ou prestem serviços abrangidos ou sujeitos a este imposto, deverão participar essa qualidade ou ocorrência na Secção de Finanças do concelho ou bairro da situação dos estabelecimentos, no prazo de trinta dias.

2.º — E ficam obrigados ao cumprimento das seguintes formalidades:

a) Escriturar em livro próprio todos os actos de aquisição, com indicação discriminada da sua proveniência, quantidade, espécie e indicação do número da factura. A escrituração deste livro poderá ser simplificada desde que nele se faça referência à factura de aquisição, a qual deve ficar guardada em arquivo próprio e referenciada com o número de ordem que lhe couber naquele livro;

b) Apresentar, no prazo de 60 dias, uma nota de todos os produtos sujeitos a imposto, adquiridos anteriormente ao início da escrituração do livro referido na alínea anterior, e ainda não vendidos, trocados ou devolvidos;

c) Passar, em duplicado, facturas ou notas de todas as vendas ao público, com o nome do estabelecimento, discriminação expressa do preço, espécie e quantidade, e indicação do respectivo imposto;

d) Escriturar em livro próprio e seguidamente a cada operação de venda o imposto correspondente e anotar, no mês seguinte, o número da guia do seu pagamento. Quando a venda for feita

em prestações ou com espera de preço, deverá a operação ser escriturada como venda de realização e cumprimento imediatos:

e) Entregar na competente Tesouraria da Fazenda Pública, nos primeiros dez dias de cada mês, por meio de guia do modelo oficial, o imposto correspondente às operações do mês anterior;

f) Arquivar os duplicados das facturas ou notas a que se refere a alínea c) e mantê-los em ordem adequado a um fácil confronto com as guias de entrega do imposto e os demais elementos necessários à demonstração da arrecadação e pagamento do imposto devido;

g) Discriminar nos preços de venda ao público dos artigos expostos a parcela correspondente ao imposto de consumo;

h) Afixar no estabelecimento, em lugar bem visível para o público, uma lista dos produtos à venda sujeitos ao imposto, visada pelos serviços de informações fiscais ou de fiscalização;

3.º — Os prestadores de serviços sujeitos a este imposto ficam obrigados ao estabelecido anteriormente, na parte aplicável, e ainda com a obrigação de discriminarem em todos os elementos documentativos a importância relativa aos serviços e a correspondente aos produtos sujeitos a imposto de luxo ou já tributados em imposto sobre artigos de perfumaria ou de toucador.

Em 14 de Março de 1962.

Anunciai, assinai e propagai «O Vilaverdense»